

ARTE, HONESTIDADE, SACRIFÍCIO. O RAPPA E FOUCAULT CANTANDO DESIGUALDADE SOCIAL

Bárbara Cossettin Costa Beber Brunini¹

BRUNINI, B. C. C. B. Arte, honestidade, sacrifício. O Rappa e Foucault cantando desigualdade social. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarã, v. 15, n. 2, p. 251-262, jul./dez. 2015.

RESUMO: A música poderá ser pensada como uma ferramenta pedagógica instigante para se pensar em desigualdade social, dispositivos de poder e mecanismos de resistência. Quando propomos ao acadêmico um diálogo possível entre temáticas sociais, a escrita de Foucault e O Rappa, o interesse se faz arte. Instigados pelo desassossego provocado pelas obras de Michel Foucault e seus atravessamentos em nossa experiência docente, pretendemos utilizar da metodologia genealógica foucaultiana para instigar reflexões pedagógicas diante a problematização das desigualdades socioeconômicas da sociedade brasileira. O refletir por meio da arte, fortalece o pensamento crítico-reflexivo do acadêmico preocupado com uma formação profissional ética e política, estimulando o surgimento de vozes que não se deixam calar diante dos marcadores sociais de desigualdade.

PALAVRAS-CHAVE: Desigualdade social; Genealogia; Ferramenta didática.

ART, HONESTY, SACRIFICE. O RAPPA, AND FOUCAULT SINGING SOCIAL INEQUALITY

ABSTRACT: Music can be thought as a compelling pedagogic tool in the analysis of social differences, power devices and resistance mechanisms. When the authors propose to the academic community a possible dialog between social themes, Foucault's theory and O Rappa, the interest becomes art. Instigated by the conflict caused by Michael Foucault's thesis and its crossings in the teaching experience of the author, this paper intends to use the Foucaultian genealogic methodology

¹Docente de Psicologia da Universidade Paranaense- barbrunini@unipar.br

to instigate pedagogic reflections on the socioeconomic inequalities in Brazil. The reflection through art strengthens the critical and reflective thinking concerned in the academic subject concerned with an ethical and political vocational training, encouraging the emergence of voices that refuse to be silent in face of social inequality markers.

KEYWORDS: Social inequality; Genealogy; Teaching tool.

ARTE, HONESTIDAD, SACRIFICIO. O RAPPA Y FOUCAULT CANTANDO DESIGUALDAD SOCIAL

RESUMEN: La música podrá ser pensada como una herramienta pedagógica incitante para pensar en desigualdad social, dispositivos de poder y mecanismos de resistencia. Cuando se propone al académico un diálogo posible entre temáticas sociales, la escrita de Foucault y O Rappa, el interés se convierte en arte. Instigados por el desasosiego provocado por las obras de Michel Foucault y sus cruzamientos en nuestra experiencia docente, pretendemos utilizar de la metodología genealógica de Foucault para instigar reflexiones pedagógicas delante la problematización de las desigualdades socioeconómicas de la sociedad brasileña. El reflejar por medio del arte, fortalece el pensamiento crítico y reflexivo del académico preocupado con una formación profesional ética y política, estimulando el surgimiento de voces que no se dejan callar delante los marcadores sociales de desigualdad.

PALABRAS CLAVE: Desigualdad social; Genealogía; Herramienta didáctica.

NOSSOS OBJETIVOS, NOSSOS SONS E NOSSAS VOZES

“Escutar” sociedade, desigualdade e dispositivo social utilizando-se de certo estilo poético e contestador da música “Hey Joe” do grupo O Rappa, foi entendido como nosso primeiro objetivo neste trabalho prazeroso do ouvir um hino de debate e protesto e utilizá-lo como caixa de ferramenta pedagógica já que

(...) é preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale

nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas (FOUCAULT, 1981, p.43).

A profissão de docente exige de nós, professores, o desdobrar de técnicas pedagógicas que provoquem o olhar analítico crítico dos acadêmicos e instigue no aluno o posicionamento ético-político quando dialoga com a sociedade sobre a desigualdade social.

Neste nosso trabalho, utilizamos a teoria genealógica foucaultiana com a intenção de fazer deste movimento pedagógico um ato de transformação e reflexão do normativo e do estigmatizado, propondo a escuta da música “Hey Joe” como material didático para nossas possíveis conversações com o universo acadêmico, observando aspectos tão comprometidos em leituras socioculturais como: pobreza, direitos, criminalidade e projeto de vida.

A banda carioca, O Rappa, foi escolhida para o nosso estudo, por defender um compromisso e participação de todo sujeito junto às demandas sociais e políticas, principalmente a intenção de refletir sobre desigualdade social, de classe e de raça, quando oferecido àqueles que trazem em seu comportamento, conduta ou ação, os signos e a resposta esperada a às demandas e mecanismos de controle e disciplina impostas ou ditadas pela classe dominante.

O grupo musical transita pelas características deste movimento sócio-histórico-cultural por apresentarem letras que refletem sobre a realidade do Estado enquanto um representante de poder utilizando-se de suas letras como ferramenta de protesto.

O Rappa possui um tom arte de falar do social de maneira singular, apresenta os binarismos entre a riqueza/pobreza, honestidade/desonestidade, polícia/marginal, certo/ errado, marcado por uma embalagem bruta, porém sofisticada, dos diferentes modos de viver e sobreviver do sujeito e dos seus processos de subjetivação.

O Rappa carrega em sua identidade o protesto, a leitura do diferente, a exposição daquilo e daquele que não é visto conforme as normatizações de um tecido social e dos mecanismos utilizados para manter o sujeito dócil e submisso. Foucault (1981) questiona o status do poder quando propõe: “(...) parece que a noção de repressão é totalmente inadequada para dar conta do que existe justamente de produtor no poder.

O estudioso afirma ainda:

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz ‘não’, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso (FOUCAULT, 1981, p.7-8).

Por este motivo concordamos com a afirmativa de Foucault quando acrescenta que: “Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir”. (FOUCAULT, 1981, p.7-8)

A letra escolhida para desenhar estudo reflexivo estudo foi “Hey Joe”, música de 1962 do compositor Bill Roberts que se tornou um marco do rock, assim professada em uma infinidade de gêneros musicais e grande número de artistas.

Interpretada inicialmente por Jimi Hendrix a música apresentou a versão em português de Ivo Meirelles e Marcelo Yuka, do grupo O Rappa, e participação do intérprete Marcelo D2 para o álbum Rappa Mundi lançado em 1996 pela gravadora Warner Music.

A nova versão traz indagações resultantes da reflexão sobre as desigualdades sociais e o atravessamento do conceito estigmatizado sobre classe e raça, nos convidando a refletir sobre diversidade da sociedade brasileira, sobre a desigualdade entre elas e sobre os signos impostos àqueles encontrados e ditos às margens de certa comunidade.

Não devemos nos enganar: se falamos do poder das leis, das instituições ou das ideologias, se falamos de estruturas ou mecanismos de poder, é apenas na medida em que supomos que ‘alguns’ exercem um poder sobre os outros (FOUCAULT, 1995, p. 40).

O Rappa em sua versão em português apresenta em seus versos o diálogo entre parceiros quando um deles (Falcão – vocalista do O Rappa) apresentam suas opiniões sobre a forma de viver ou sobreviver do colega (Marcelo D2), questionando-o sobre as condutas que norteiam sua vida e a maneira que se movimenta no mundo, sendo este comportamento ini-

cialmente considerado imoral, fora dos padrões desejados, fora da norma imposta pelos dispositivos que se apresentam enquanto lei para a tal harmonia social.

Questionando o comportamento de armar-se, não só com armas de fogo, mas com as resistências ao imposto, sendo então visto como um contra poder, o interprete canta e questiona: “(...) hey Joe, onde é que você vai com essa arma aí na mão, hey Joe, esse não é o atalho pra sair dessa condição (...)”. Na versão foucaultiana (1981, p. 241), “para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de ‘baixo’ e se distribua estrategicamente”.

Assim se mostra a resistência da classe não agraciada dos poderes de uma sociedade predita como esperada, disciplina, dócil e produtiva mesmo porque, segundo Foucault (1993), os métodos disciplinares permitem o controle minucioso das ações do corpo, que sujeitam constantemente suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, inaugurando uma anatomia política, naturalizando uma relação de sujeição.

Essa docilidade política e utilidade econômica são particularmente interessantes para uma parcela da sociedade que tinha como objetivo alargar os lucros, contemplar o seu poder político, universalizar normas que lhe eram próprios e afastar de si os “menos agraciados financeiramente”. Na música, O Rappa discorre sobre o discurso defensivo de seu personagem: “(...) meu irmão, é só desse jeito consegui impor minha moral eu sei que sou caçado e visto sempre como um animal”.

Inventar e escrever uma nova trajetória que atravesse as problematizações impostas pelo biopoder, desafiando os saberes e condições previamente estabelecidas e como se faz na genealogia foucaultiana, provocar quebras nas verdades inventadas por um determinado e singular grupo de interesses não contemplados pelo sujeito pobre, é tarefa para quem deseja falar sobre desigualdade social.

Na esteira dos acontecimentos éticos sociais da classe brasileira definida como classe baixa, pobre, Foucault ilumina um amplo leque de problematizações nesta relação entre o direito do sujeito e o poder nos efeitos de controle da vida deste sujeito. Além disso, um dos fundamentos da analítica foucaultiana sobre a temática do poder é que o mesmo não se

encontra em um local único da rede institucional, mas em toda sociedade. Nesse sentido, as relações de poder devem ser consideradas em qualquer análise feita no tecido social, até mesmo manifestada em forma de música.

Propomos uma problematização pedagógica e crítica sobre o que se espera de um comportamento em sociedade? Qual a sociedade de que falamos? A mesma que o pobre transita?

O Rappa canta: “Hey Joe, o que o teu filho vai pensar quando a fumaça baixar, (fumaça de fumo, fogo de revólver)” e traz a classe pobre emerge punida pela divisão classificatória e preconceituosa, como pela precária situação financeira e de apoio político, pelos conceitos históricos culturais e efeitos de poder que fomentam a dificuldade de se discutir desigualdade.

Como já discorria Foucault (1999, p. 299) a gênese da biopolítica deve ser considerada como mais uma tecnologia de poder sobreposta e integrada ao poder disciplina e ao corpo, sendo representado pelo Estado, seu principal gestor, porém também referenciada a toda uma série de instituições que se dizem prestadoras de serviços à sociedade, inclusive a universidade.

Debates acadêmicos deste estilo nos auxiliam a enriquecer o diálogo reflexivo na formação profissional, mas principalmente empoderar o estudante em seu projeto ético-político sobre sua área de atuação por meio de discussões e debates que tenha a visão de sujeito social, em movimento, não cristalizado ou pronto inserido em suas verdades.

Um professor que rejeita a práxis ética e investe estas características nas relações de poder que exerce sobre o acadêmico, produz práticas alienadas nestes futuros profissionais, aumentando o distanciamento entre o sujeito de saber e o sujeito objeto (alienado, docilizado, treinado para obedecer e produzir) esquecendo que, sendo nós também sujeitos inseridos nesta sociedade, somos igualmente sujeitos de nosso objeto de estudo.

O abismo presente entre a teoria e a prática engessam as teorias propostas nos currículos e impedem o diálogo e a vivência quando não relacionadas às carências da formação e os novos desafios que as ciências humanas e sociais estão sendo convidadas a atuar.

A Psicologia como ciência e profissão tem um compromisso

com um determinado tipo de sociabilidade, com uma determinada política. Por isso, falamos que a Psicologia tem um compromisso social; mas resta saber em que direção se fazem esses pactos, a que tipo de vínculo social ela está posta a serviço. São várias as psicologias; mas a verdade é que formamos um profissional sem haver clareza de qual será seu perfil de atuação psicossocial. (CFP. 2013, p. 16).

É sabido que este tipo de questionamentos não desperta preocupação de algumas instituições de ensino superior. De acordo com Patto (2012), para empresas que visam vender produtos, aqui representados pelos diplomas de ensino superior, sua preocupação e atividade não são ensino ou qualificação profissional, mas “maquinário para a produção massificada de alunos” (PATTO, 2012, p. 14), sendo os professores considerados balconistas e os alunos consumidores de certo status representado pelo diploma acadêmico.

Estes estabelecimentos de ensino, segundo a autora, desenham o quadro estatístico sobre a população de nosso país, população possuidora de estudo universitário e ainda alimentados por conselhos de classes profissionais sobre medidas que norteiam o curso do exercício profissional, exame, avaliação, diagnóstico desconsiderando as condições sociais do sujeito em uma sociedade administrada e controlada por um biopoder.

Estamos diante de um quadro gravíssimo e inaceitável, não só porque há psicólogos vitimando pessoas, mas também porque a credibilidade de uma ciência e profissão que conta com excelentes pesquisadores e profissionais, capazes de contribuir para a construção da cidadania, está ameaçada. (MELLO; PATTO, 2008, p. 593).

Conrado Ramos (in PATTO, 2012) igualmente se apresenta indignado com esta formação ideologicamente cínica de algumas instituições e entende que o curso de Psicologia deverá produzir conhecimento para “desmascarar a obscenidade presente na deformação do sujeito contemporâneo” (2012, p. 161).

Ramos (in PATTO, 2012) afirma que não existirá competência ou habilidade se a mesma não for ética e politicamente orientada, pautada por processos e tradições culturais e histórias sólidas, com conteúdo e em

respeito a seus fatos, que proponha compreender a subjetividade de nosso tempo, atento as questões que ultrapassam o sujeito de sua demanda. “Em vez da democratização do acesso ao conhecimento, esvaziamos o conhecimento distribuído para que ele se torne inofensivo às estruturas vigentes da dominação” (RAMOS in PATTO, 2012, p. 165).

REINVENTAR UMA HISTÓRIA QUE QUESTIONE A VERDADE

Sobreviver, viver bem, a classe que se reinventa para fazer a sua história, conforme a música do O Rappa: “(...) e é assim que eu faço, eu faço a minha história”. A representação de um modo de luta política e de crítica social aos padrões constituídos no cotidiano quase na marginalidade é apresentada na música estudada demonstrando os desafios contra o regime de verdade e negociando espaços para deslocamentos subjetivos, coletivos e de classe, erguidos em novos valores éticos e estilos políticos.

Daí, enfim, a inscrição da liberdade não apenas como direito de indivíduos legalmente opostos ao poder, as usurpações, aos abusos do soberano ou do governo, mas da liberdade que se tornou um elemento indispensável à própria governamentalidade. (FOUCAULT, 2008, p. 478).

Foucault citado por Rago (in SOUZA; SABATINE; MAGALHÃES, 2011, p.11) apresenta o conceito de parresia, o qual muito se assemelha a estes versos do O Rappa. Parresia encontrada entre os gregos como uma das tecnologias de si e que constituem por sua vez as artes do viver: “(...) para que haja parresia, é preciso que, dizendo a verdade, abra-se, instaure-se, afrente-se o risco de machucar o outro, de irritá-lo, de deixá-lo em cólera e de suscitar de sua parte certo número de condutas que podem ir até a mais extrema violência. “É, portanto a verdade, no risco da violência”. (FOUCAULT, 2009, p. 12).

“Meu irmão, aqui estou por causa dele e vou te dizer, talvez eu não tenha vida, mas é assim que vai ser”, assim O Rappa apresenta o protesto. Foucault por sua vez, pode ser lembrado ainda defendendo o conceito de parresia e sua ligação com o poder normalizador da verdade imposta: “Ali onde há obediência, não pode haver parresia”. (FOUCAULT, 2009, p. 307).

Dreyfus e Rabinow (2010, p.159) relembram que grande parte dos esforços de Foucault na década de 70 foram dirigidos à construção do “lugar do sujeito, do subjetivismo e do indivíduo moderno” e retomam a obra *Vigiar e Punir* de Foucault, quando apresenta que: “(...) o indivíduo, é sem dúvida, o átomo fictício de uma representação ideológica da sociedade, mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica do poder que chamamos de disciplina”. (FOUCAULT, 1997, p. 195).

“Também Morre quem atira... Também morre quem atira... Também morre quem atira”, assim cantando, O Rappa apresenta em seu refrão o princípio do poder, de todas as formas do poder, inclusive do contra poder. Ferreira Neto (2004) nos auxilia a pensar neste contra poder, representado pela resistência na teoria foucaultiana, já que como lembra o autor “Foucault problematiza as resistências como processos ativos de criação e transformação. Resistência como pura oposição, desvio relativo à norma seria uma sombra ineficaz em relação aos processos de poder”. (FERREIRA NETO, 2004, p. 171)

Ferreira Neto (2004), citando Foucault, diferencia a resistência de uma simples oposição (FOUCAULT, 1994) potencializando-a como criação. “Esta dupla condição, exclusão social concomitante à inclusão nas práticas biopolíticas, coloca este contingente de miseráveis em via de produzir novas expressões subjetivas” (FERREIRA NETO, 2004, p. 173).

A perspectiva foucaultiana entende o papel do Estado, da disciplina, da sociedade na sua genealogia histórica enquanto técnicas de governo e tecnologias de poder. (FOUCAULT, 2008). Não podemos então ignorar outras formas de poder tão atuantes como o Estado e a Universidade neste universo que descrevemos com este estudo.

Todavia, Foucault faz sua análise sobre este poder e função de governar: “(...) refere-se ao controle que se exerce sobre si mesmo e sobre os outros, sobre seu corpo, mas também sobre sua alma e sua maneira de agir (...)” e continua esclarecendo sobre o que se governa: “(...) nunca se governa um Estado, nunca se governa um território, nunca se governa uma estrutura política. Quem é governado são sempre pessoas, são homens, são indivíduos ou coletividades”. (FOUCAULT, 2008, p.243).

“Menos de 5% dos caras do local são dedicados a alguma atividade marginal, e impressionam quando aparecem nos jornais tapando a

cara com trapos com uma uzi na mão parecendo árabes (...)” É reforçada nestes versos do O Rappa, a noção de que a realidade só pode ser descrita quando interpretada por quem a vive, e não por olhares localizados e demarcados por condições de análise de classe ou raça, pois se assim for, perderá o fio condutor que transmite essa informação ao conceito vivencial e mantém com isso o discurso promovido por seus dispositivos antiéticos e antiestéticos de moral e de direito.

Benelli e Costa Rosa in Constantino (2010, p. 29) refletem os perigos de se naturalizar fenômenos sociais: “Naturalizar fenômenos significa des-historicizá-los da ordem social e dos discursos que os promovem”, seria então um regime central de verdade sustentado pela dominação do capitalismo contemporâneo que torna a desigualdade natural e limita o repensar destas manifestações de diversidade, poder, saber e verdade.

Ao falar sobre o caminho muitas vezes tomado por aqueles que são de classe dita baixa, em um patamar desigual aos que mais possuem, a música prega também que não devemos generalizar o comportamento de qualquer sujeito, emergindo na música Hey Joe a seguinte afirmativa: “(...) Sinto muito cumpadi, mas é burrice pensar que esses caras é que são os donos da biografia já que a grande maioria daria um livro por dia, sobre arte, honestidade e sacrifício”. Afirmou Foucault (2000, p. 172) sobre a “arte de não ser de tal forma governado”:

(...) se a governalização for realmente o movimento pelo qual se trata, na realidade mesma da prática social, de sujeitar os indivíduos pelos mecanismos de poder que invocam para si uma verdade, então, diria que a crítica é o movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder pelos seus discursos de verdade; a crítica será a arte da não servidão voluntária, da indocilidade refletida. A crítica teria essencialmente por função o desassujeitamento no jogo que poderia ser denominado, em uma palavra, política da verdade. (FOUCAULT, 2000, p.13).

Assim ouvindo, pensando e cantando o encontro de Foucault e O Rappa, o objetivo da construção desse trabalho teórico-arte, foi referenciar a teoria de Foucault, de modo a indicar como sua forma de pensar as temáticas poder, disciplina e ética, pode provocar a emergência de outros

olhares acadêmicos sobre desigualdade social, principalmente no que tange ao controle e aos movimentos de resistência e sobrevivência do sujeito pobre, todavia forte e capaz de produzir a arte, de viver com honestidade e sacrifício.

Neste trabalho se faz um esboço de nossa formação docente, teórica e interventiva acadêmica, a partir do qual podemos ampliar nossas perspectivas sobre o processo de formação e produção de subjetividades de nossos acadêmicos, implicados com o desejo de fazer-se profissionais comprometidos com questões sociais cotidianas e contemporâneas presentes enquanto debate e desafio frequentes para a vida do sujeito em comunidade.

REFERÊNCIAS

CONSTANTINO, E. P. **Psicologia, estado e políticas públicas**. Assis: UNESP - Universidade Estadual Paulista, 2010.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Contribuições do Conselho Federal de Psicologia à discussão sobre a formação da (o) psicóloga (o)**. Brasília, 2013.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Dits et écrits IV**. Paris: Gallimard, 1994.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUSS, H. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

- _____. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: M. Fontes, 1999.
- _____. O que é crítica? (Crítica e Aufklärung). **Cadernos da FFC**, Foucault – Histórias e dos destinos do pensamento. Marília: UNESP- Marília publicações, v. 9, n.1, p.169-189, 2000.
- _____. **Segurança, território, população.** São Paulo: M. Fontes, 2008.
- _____. **Le courage de la vérité: le gouvernement de soi et des autres.** Paris: Gallemard/Seuil, 2009. v. 2.
- MELLO, S. L.; PATTO, M. H. S. Psicologia da violência ou violência da Psicologia? **Psicologia USP**, n.19, a. 4, 2008.
- O RAPP. **Álbum rappa mundi.** Gravadora Warner Music. 1996.
- PATTO, M. H. S. (Org.). **Formação de psicólogos e relações de poder:** sobre a miséria da psicologia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- SOUZA, L. A. F.; SABATINE, T. T.; MAGALHÃES, B. R. **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

Recebido em: 30/05/2015

Aprovado em:30/07/2015